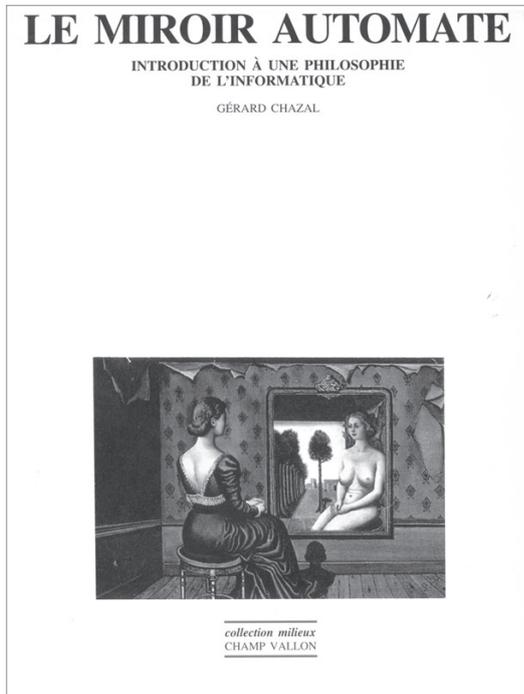


Introdução à filosofia da informática



PARE UM POUCO, pense no tópico e defina: o que é a informática? Pegos de surpresa, talvez tenhamos alguma dificuldade em dar uma boa resposta. Porém, é claro ou imediato para qualquer pessoa em dia com seu tempo o que é a informática. Sabemos na prática, fazendo uso cotidiano, do que se trata, para que serve e qual é a sua importância. A coisa assim chamada tem a ver com máquinas, computadores, laboratórios de pesquisa, mecanismos programáveis, comandos eletrônicos, transações bancárias e sistemas de comunicação.

Quem forçar um pouco a cabeça em busca de definição, responderá: trata-se de uma tecnologia, a tecnologia da informação no mundo contemporâneo. Quem a procurar numa enciclopédia, encontrará primeiro, porém, sua definição como ciência: trata-se da ciência do processamento automático e lógico da informação e da pesquisa de suas diversas aplicações. Em conclusão, poderíamos afirmar que, definindo em relação ao gênero, informática seria uma tecnociência.

Dispomos já de boas histórias da informática (Williams, 1985; Breton, 1990; Ceruzzi, 1998). Começamos a dispor de sua eventual filosofia e, portanto, do saber sobre seus problemas e desafios, com o trabalho de Gerárd Chazal. Ninguém com alguma sabedoria negará que a pesquisa em informática se desenvolveu com base em projetos filosóficos. Origina-se de Leibnitz a proposição de criar uma linguagem artificial com base em relações lógicas e a idéia de inventar um artefato capaz de processá-la para uso dos seres humanos. Poucos ainda são, porém, os que se dão conta de que, mesmo convertida em atividade rotineira, a informática avança fazendo penetração em

Francisco Rüdiger

Prof. do PPGCOM/PUCRS

territórios tradicionalmente reservados aos cuidados da filosofia, das artes, da literatura e de algumas das humanidades.

Chazal considera esse horizonte e, à maneira francesa, propõe-se a elaborar uma abordagem sistemática e uma reflexão de corte analítico e interno sobre a informática, sem descuidar dos aspectos antropológicos que o fenômeno em foco coloca em discussão ao pensamento contemporâneo. O autor não contesta o fato de que a informática progride em resposta a necessidades imediatas, de ordem política, militar e econômica, mas chama atenção, ainda que sem usar o termo, para o fato de que nela há um projeto que extrapola em sentido esses fatores, o projeto de criar ou desenvolver uma inteligência artificial.

“Historicamente, o computador se desenvolveu como forma de calcular por causa de necessidades militares, mas muito rapidamente os informatas descobriram a possibilidade de manipular símbolos não numéricos através da máquina” (p. 46).

Estamos agora mais longe da época em que se costumava falar do computador como cérebro eletrônico, mas isso não significa que, no seio das práticas dessa disciplina, não habite como desafio e eventual destino a construção de uma máquina efetivamente pensante ou, pelo menos, capaz de agir como agem os seres humanos.

Fundamenta-se na urgência em pensar as bases e sentido desse projeto a reflexão extremamente cuidadosa, clara e objetiva, isto é, muito bem conduzida, que o autor oferece em seu livro. Contestando a postulação de que a informática é apenas um método ou técnica, o pesquisador francês sustenta que “nas práticas técnicas e teóricas que definem a informática, trata-se do homem e que por meio delas se encontra posta em questão toda a concepção da condição ou natureza humana” (p. 23).

Seguindo essa senda, contribui em muito o livro para nos mostrar como a informática e suas realizações promovem, voluntariamente ou não, uma desestabilização do pensamento humanista tradicional, conforme o qual o homem é não só é centro da vida mas possui uma especificidade que o distinguiria de todas as demais espécies vivas, coisas e entidades. O esforço de formalização que aquela prossegue e concretiza a cada dia com a ajuda das máquinas é um que, em última instância, visa acabar com o fator humano e sua condição, em meio ao pensamento tecnológico, de elemento perturbador do bom funcionamento de qualquer que seja o sistema.

Destarte, explicitam-se e discute-se na obra várias questões filosóficas subjacentes às atividades da informática, após breve recapitulação histórica de seu momento de emergência no pensamento ocidental. A relação entre significante e significado (símbolo e sentido), os problemas da lógica e sua linguagem, das conexões entre mente e corpo, sobre a natureza do pensamento e o funcionamento da estrutura cerebral - eis as principais.

O argumento é conduzido no sentido de problematizar o conceito de inteligência com a qual a informática trabalha. A pretensão é construir máquinas capazes de pensar de maneira análoga ao homem. Os recursos lógicos e formais com que se conta estão todavia impedidos, por definição, de atribuírem-lhe a capacidade de dizer não. Por isso, ainda estamos muito longe de atingir esse desiderato, com o qual, segundo o autor, poderíamos, combinando os respectivos desafios, “ganhar um maior inteligibilidade tanto da máquina quanto do homem” (p. 114).

Camus dizia que um homem começa a existir quando pronuncia esta palavra, “não”. Poderão as máquinas vir a fazê-lo e, assim, adquirir uma faculdade moral que nos distingue? O homem é tal coisa porque, embora a linguagem simbólica e a lógica formal surjam com ele, está longe de

ser nesse registro que ele se esgota. Tentar reproduzir ou simular a conduta ou mesmo a mente humana levando em conta esse aspecto, se factível, seria desejável pelo projeto informático ?

Desviando-se dessa linha de questões, o livro não obstante fornece importante trabalho de retaguarda para seu enfrentamento. Em breves capítulos, o leitor tem acesso ao pano de fundo dos debates, às posições teóricas existentes, os problemas enfrentados e os eventuais experimentos desenvolvidos a seu respeito. Ainda que em vários pontos o texto tenha nos parecido bastante árido e exigente, é didático o sentido geral da exposição de *Le Miroir Automate*.

Para Chazal, o problema hoje não “é mais saber se a máquina pode pensar ou se o computador é tão inteligente quanto nós”, conforme diziam os advogados do homem contra a sociedade da máquina. O problema é, antes, “definir os limites, se existem, da imagem sistêmica de nós mesmos, da máquina e do universos reticular que tece as múltiplas relações dos homens com seus computadores” (p. 214).

Escrito antes da expansão da Internet, o trabalho revela no capítulo de onde é retirada essa observação sua sensibilidade para a maneira como o processamento e transmissão de informações por computador se articula com as relações sociais que os homens criam e para a maneira como ambas, relações e informações, dependem de algo mais que a máquina. As máquinas podem formar uma cadeia cada vez maior e talvez aberta ao infinito mas, antes e depois dela, com o que nos deparamos são os homens (p. 222).

Focando o assunto dentro de limites bastante estreitos, visando dar conta da novidade de seu objeto, o filósofo passa ou alto, senão ignora de todo, as questões mais explosivas que, endereçadas à tecnologia como projeto e matriz de cultura, colocam-se há muito tempo aos pensadores da técnica e da cultura maquinística. A hipótese por eles já discutida de que, ao

cabo e no fim do referido projeto não haja mais homens, por um ou outro motivo, não é cogitada.

Falta ao livro um pouco mais de reflexão crítica e densidade histórica para dar conta dos aspectos políticos, no sentido de exercício do poder, que movem as atividades da informática e que se articulam filosoficamente no plano do que podemos chamar de pensamento tecnológico, conforme se pode ler, por exemplo, no livro de Katherine Nancy Hayles, *How we became post-humans* (1999).

Chazal tem claro que, procurando responder tecnicamente às várias necessidades de nossa vida social, a informática mais e mais se vê diante da tarefa que é “simular as funções mentais do homem: o raciocínio, a percepção, a aprendizagem, a linguagem e, na robótica, algumas de nossas possibilidades corporais” (p. 230-231).

Passando por alto as circunstâncias históricas mais amplas que subjazem a essa decisão, o filósofo prefere chamar a atenção sobre a forma como os trabalhos feitos nessa direção servem para aumentar o conhecimento a nosso respeito e sem invocar aquilo que faria diferença dos seres humanos em relação às máquinas informacionais ou inteligentes. Sugerindo que há um movimento de vai-e-vem entre o homem e a máquina, ele ilumina a base comum entre os dois termos e evita postular a assimilação de um ao outro, que resultaria em uma ou outra supressão. Indo além, afirma que “esse movimento se origina na faculdade humana de criar as máquinas” e de que, portanto, ele “parte do homem e o exprime” (p. 234).

Que estranho diálogo do homem consigo mesmo é esse mediado pela linguagem formal e pelo processamento maquinístico do pensamento como informação é, porém, algo que transcende o plano de estudo e os objetivos muito claramente explicitados dessa excelente e esclarecida introdução às questões técnicas e internas de uma filosofia da informática .

